

TRAVESSA S. VICENTE DE PAULO



TRAVESSA S. VICENTE DE PAULO

O doutor Francisco de Araujo Mascarenhas, Intendente Municipal de Campinas.

Faz saber que a Camara Municipal, em sessão de 2 deste mez, deliberou dar ao becco vulgarmente conhecido por becco do Inferno, a denominação de *Travessa S. Vicente de Paulo*, que começa na Praça da Liberdade (Mercadinho) e vae á rua Dr. Quirino.

Em observancia do art. 7.º da lei n. 87 de 10 de Março de 1902 e para conhecimento de todos torna publica essa resolução. Eu, Leopoldo Amaral, secretario, lavrei este edital.

Campinas, 5 de Julho de 1906.

DR. FRANCISCO DE ARAUJO MASCARENHAS.

(Extraido da página 15 do livro "Leis, Resoluções e Mais Actos" da Câmara Municipal de Campinas em 1906)



**LEI N.º 2.543, DE 16 DE AGOSTO DE 1961
DÁ O NOME DE SÃO VICENTE DE PAULO A UMA
RUA DA CIDADE**

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada São Vicente de Paulo, a Rua 3 da Fundação da Casa Popular, que tem início na Rua Ceará e termina na Rua 5, do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 16 de agosto de 1961.

MIGUEL VICENTE CURY
PREFEITO MUNICIPAL

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 16 de agosto de 1961.

DR. PLÍNIO DO AMARAL

Respondendo pelo cargo de Diretor
do Departamento do Expediente

TRAVESSA SÃO VICENTE DE PAULO

BECO DO INFERNO



Ligando a Rua do Meio (Dr. Quirino) ao Mercado Grande, tornou-se ponto de reunião de vagabundos e decaídas que ali promoviam algazarras e arruaças.

Nome atual: Travessa São Vicente de Paula

(Extraído de "Nomes Pitorescos das Ruas e Praças Existentes em 1848", às fls. 8 do 2º Caderno da edição especial do Jornal "Correio Popular" de Campinas, do dia 14 de julho de 1974. Edição comemorativa do Bicentenário de Campinas)

anpv/02/83

Movimento Religioso

III Centenario da morte de S. Vicente

A festa liturgica de S. Vicente de Paulo é este ano dedicada ao terceiro centenario de sua morte, ocorrida a 27 de setembro de 1660, em Paris. O Papa Clemente XIII, que o canonizou em 1737, fixou a sua festa para a data de hoje.

A ocorrência que o mundo catolico, em particular os Padres da Missão (Lazaristas), as Irmãs de Caridade, as Damas de Caridade e os Confrades de São Vicente de Paulo, estão comemorando, tem a mais alta significação. S. Vicente é, por excelência, o apóstolo da caridade no mundo moderno e seu exemplo, após três séculos, continua a tocar todos os homens de boa vontade. Exemplo tão mais significativo e oportuno quando vivemos em um tempo em que o paternalismo assistencial pretende substituir a legítima caridade cristã.

Nasceu S. Vicente de Paulo em Pouy, França, em 1576. Filho de camponeses, dedicou-se ao trabalho do campo. A golpes de perseverança e força de vontade, estudando enquanto guardava os rebanhos, adquiriu regular cultura, chegando a ensinar as primeiras letras a grupos de meninos de sua aldeia. E foi assim que obteve os meios necessários para iniciar os estudos eclesíasticos. Numa viagem em

preendida, nessa ocasião, a nau em que viajava foi assaltada por piratas mouros. Conduzido ao Norte da África, passou às mãos de diversos senhores. No cruel cativo, em que caía aos 30 anos de idade, provou seu espírito de renúncia e sacrifício, confortando e animando seus companheiros de infortúnio e convertendo os próprios algózes. Assim, na Barberia, fez seus senhores renunciarem ao islamismo e abraçar o cristianismo, o que lhe valeu a liberdade.

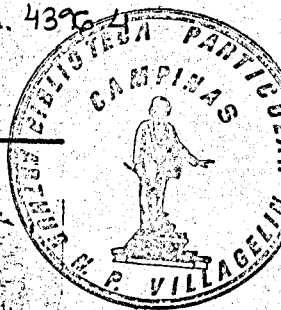
Só em Roma, então, ordenou-se. Voltando a Paris, conheceu o Venerável Berucló, fundador da Congregação do Oratório, e com a sua ajuda consagrou-se à salvação das almas. Na grande cidade cosmopolita, chamou a atenção do sacerdote a miséria profunda em que jaziam os orfãos e doentes das classes menos favorecidas. A eles se dedicou e a vilta da obra que empreendeu conquistou a admiração de toda Paris. Sua fama chegou aos ouvidos do rei Luis XIII, que o nomeou intendente das galeras francesas e esmoler real. A glória do cargo não seduzia a Vicente, que preferiu dirigir-se a Marselha, onde o drama doloroso dos condenados às galés exigia um apóstolo.

No socorrer aos encarcerados, passou Vicente a empregar o seu tempo. De uma feita, ao deparar em uma leva de condenados a trabalhos forçados, nobre senhor preso inocentemente e que deixara mulher e filhos na miséria, ofereceu-se para substituí-lo. Ocupou seu lugar por muito tempo, preso, às grilhetas, até que sua ausência foi notada em Paris, descoberta sua identidade e a liberdade uma vez mais recuperada.

De novo em Paris, fundou a Congregação da Missão, cujos sacerdotes, os lazaristas, reuniu em um Instituto destinando-os a missionar as populações rurais, amparar os doentes, os orfãos e assistir dementes e encarcerados. Fundou também a Congregação das Filhas da Caridade de Cristã e a Associação das Damas de Caridade, com a colaboração de S. Luiza de Marillac.

Tantos empreendimentos não lo gravam, apesar de grandes e plenos de responsabilidade, afastar S. Vicente do trato direto dos pobres. Para eles continuava a esmolar e a repartir seu tempo. Na guerra que devastou a Lorena e nas epidemias subsequentes foi infatigável enfermeiro, o samaritano dos soldados feridos, dos fugitivos e das populações vitimadas. As vinte e quatro horas do dia, ele as consumia entre a oração e a caridade, jamais se ocupando de outras coisas e pouco deixando para o repouso. A graça de Deus o favoreceu, dando-lhe ferrea saúde e longa vida. Morreu aos 87 anos de idade.

Ainda no século passado, seu exemplo inspirou a Frederico Ozanam a fundação da Sociedade de S. Vicente de Paulo, constituída de leigos, que, como seu patrono, se dedicam sem alarde a socorrer a pobreza envergonhada. Nessa obra singular, tem o grande S. Vicente de Paulo o espelho nítido de sua alma abrasada de amor cristão, em meio às dolorosas angústias de nosso tempo, que só será salvo pela caridade. — H. D.



S. Vicente de Paulo, quatro séculos depois

HÉLIO DAMANTE

Há quatro séculos, às vésperas de entrar em vigor o calendário gregoriano, nascia em Puy, na França, S. Vicente de Paulo, chamado pelos seus discípulos de "o Pai da Caridade". De origem camponesa, um paysan, por esforço próprio chegou ao sacerdócio, para ser um dos grandes homens de seu tempo, rico deles.

Embora nascido no século XVI, no mesmo ano em que Montaigne publicava Os Ensaíes (1581), Vicente de Paulo será um homem do século XVII. O século que se despedia do mundo medieval e renascentista, para ingressar naquele do nacionalismo, do mercantilismo, da burguesia e da cidade, com seus violentos contrastes entre o poder e a miséria. Prólogo do século das luzes e daquele outro que viu culminar a Revolução Industrial. Todas essas forças já estavam em ebulição no tempo de S. Vicente.

Também para a Igreja Católica uma revolução se iniciava, a partir da Reforma, para culminar com o fim do poder temporal dos papas (1870) e com ele chegar à modernidade do pontificado romano e à sua real universalidade. O catolicismo chegara, já no século anterior, com S. Francisco Xavier, ao Extremo Oriente. A Igreja abria-se, em compensação ao dilaceramento da Reforma, traduzido em sangrentas guerras religiosas, "os mares nunca danças navegados" e os novos mundos — as Índias — neles, contidos. Terceiros mundos, quase sempre.

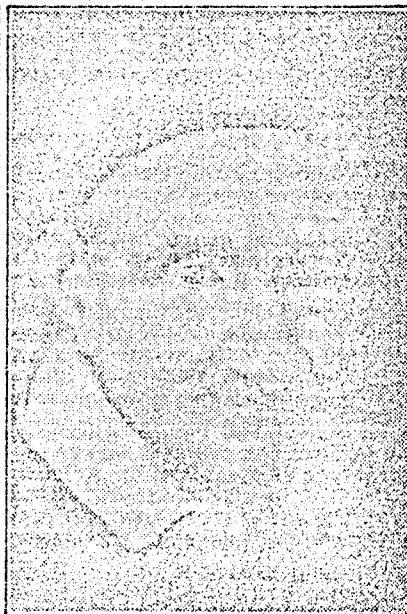
A Vicente de Paulo coube, no clima do absolutismo monárquico da época dos luzes — L'Etat c'est moi, diria Luiz XIV, o Rei Sol — abrir o capítulo da presença da Igreja no mundo moderno, na "cidade secular" da definição de Thomaz Merton. Era um clima, uma ruptura, uma nova sociedade. Os homens voltavam-se para o Estado, não para Deus. Já não mais existia, no Ocidente europeu, uma instituição religiosa única. As nações entregavam seus destinos a um papa leigo, que outro não era, ou é, senão o príncipe, de Moquitavel. No próprio estabelecimento católico romano surgiam movimentos radicais, que acompanhavam o pêndulo, como o galicanismo, ou aventavam uma piedade autônoma, como o jansenismo. Seu grande advogado, Pascal.

A América começava a pesar na balança da política internacional, como o demonstraria o Tratado de Utrecht, de 1713. Era puritana ao Norte, enquanto ao Sul, fechada a sete chaves às heresias, intentavam, os jesuítas notadamente, criar a nova Civitas Dei, modelada pela Contra-Reforma. Diz-se que foi nessa época, diante dos estragos — e do escândalo — das guerras religiosas, que se criou a fórmula "todas as religiões são boas", para não atrapalhar os negócios.

S. Vicente sentirá como poucos, do fundo das galés e dos tugúrios ou na Mesa da Conselheira (espécie de conselho real para questões religiosas), o rumorejar do povo, agora cidadão, a força decisória emergente, em nome da qual e à custa de quem se fariam, daí por diante, todas as revoluções.

De Vicente de Paulo o menos que se pode dizer é que foi um homem à altura do seu tempo. Enquanto Lutero havia proclamado que "a fé, por si só, sem obras, justifica, liberta e salva" (justificação pela fé), Vicente pôs em prática o princípio de que "a fé sem obras é morta" ou, segundo o Evangelho, "pelos frutos os conhecereis". Foi também reformador, mas, ao contrário de Lutero, que até ao anti-semitismo pagou tributo, um conciliador.

De sua privilegiada posição na corte, em Paris, sem prejuízo de ser sempre um simples padre, a ombrear com Richelieu e Mazarinos, vai ter papel decisivo na reconstrução da Igreja devastada. Começou pela reforma do clero e instituiu os seminários, no espírito do Concílio de Trento. Fundou a Congregação da Misericórdia ou Lazaristas, contemporânea da Propaganda Fidei. Retirou a mulher consagrada da clausura pela clausura, para fazê-la ativa participante do apostolado. É o fundador das Irmãs de Caridade, esvoaçando com suas toucas de camponesas pelos hospitais, prisões, abrigos de crianças e velhos, salas de aula e pátios



de recreio. Quem não as conhece, mesmo desfiguradas hoje?

As suas religiosas dizia: "Vossa ocupação primordial é ter grande cuidado com os pobres, que são nossos senhores. Ó, sim, irmãs minhas, eles são nossos senhores" (citado por Daniel Rops). Como se verifica, é um trágico equívoco atribuir tão só a Puebla a "opção pelos pobres".

Das mulheres da nobreza e da burguesia não pleiteou recursos, mas trabalho. Com Luiza Marillac, como ele canonizada, fundou as Damas de Caridade. Foi assim que elas descobriram o povo, além de seus criados e camareiras. É o pai da previdência social. Considerá-lo um bondoso esmoler seria caricaturá-lo. Morto em 1660, S. Vicente de Paulo continua vivo em suas obras, obras de misericórdia, a respeito das quais, ainda agora, na encíclica Dives in misericórdia, João Paulo II teve a ousadia de lembrar que são mais importantes do que a justiça, consenso humano.

VICENTINOS

A palavra vicentino tornou-se sinónimo de misericordioso, em seu sentido lato, oposto, portanto, ao mero paternalismo ou assistencialismo. A imagem do Bom Samaritano ou do Pai do Filho Pródigo, para voltarmos à encíclica Frederico Ozanam, jovem estudante em Paris e depois professor na Sorbonne, contemporâneo de Marx, o redescobriu no calor das lutas sociais do proletariado nascente, ao fundar as Conferências de Caridade ou Sociedade de S. Vicente de Paulo. Vamos aos pobres, era o seu lema.

No Brasil, o regalismo do Império, vindo em linha reta de Pombal (expulsão dos jesuítas), e tão severo com as ordens religiosas, abriu exceção para os vicentinos. Vieram as irmãs de caridade — nome genérico das várias congregações — para os hospitais e primários colégios femininos, como o Patrocinio de Itu. Vieram os lazaristas e sua obra pioneira foi o Colégio do Coração. Melhor que os capuchinhos, vindos ainda no tempo de d. João V e dedicados à pregação popular, preencheram o vazio intelectual deixado pela expulsão dos jesuítas. E tudo se ampliou com a República leiga, até a atual crise da Igreja, que é uma crise "de dentro".

Mas, foram os confrades vicentinos, os discípulos leigos de S. Vicente de Paulo, ao lado das Damas de Caridade, que exerceram ação duradoura no campo da promoção humana. Fundada a primeira Conferência, no Rio de Janeiro, no auge da Questão Religiosa, eles e elas estão nas origens da quase totalidade de nossas obras sociais. Em São Paulo, por exemplo, foram os fundadores, com a construção do Liceu Coração de Jesus, do ensino profissionalizante, portando da formação da mão-de-obra qualificada exigida pela industrialização. O seu segredo, o segredo de S. Vicente de Paulo, e por isso a iconografia o representa conduzindo pela mão uma criança desvalhada, está em ver no pobre uma pessoa — outro Cristo — e não apenas uma classe social que aspire à socialização da pobreza...



(Recorte do jornal "O Estado de S. Paulo" de 24-abril-1981).

S. Vicente de Paulo, patrono da caridade

Os confrades de S. Vicente de Pauló, que se contam por alguns milhares nesta grande cidade, estarão amanhã reunidos no santuário do Moinho Velho, para celebrar sua quarta festa regulamentar, dedicada exatamente a seu patrono, cuja festa litúrgica se assinalou ontem.

Nascido em Pouy, França, em 1580, ordenado em 1600 e morto em 1660, S. Vicente de Paulo, patrono das obras de caridade, legou a seu tempo, e ao nosso, a marca de seu apostolado, pois o século XVII, em que exercitou, durante seis décadas, o ministério sacerdotal, é também o século de S. Vicente de Paulo. Aliás, em 1960, no terceiro centenario de sua morte, propiciou-se ensejo á mocidade estudiosa, em todo o mundo cristão, para o melhor conhecimento de sua vida e obra, de inestimável atualidade. E ainda este mês, os Correios de Portugal vêm de emitir uma notável série de selos sobre esse evento.

Vicente era apenas um jovem padre quando, nos albores do século XVII, viveu "uma das ultimas aventuras das mil e uma noites", no dizer de um de seus biografos, ao ser aprisionado pelos mouros no Mediterraneo, tornar-se escravo e acabar por converter os seus amos, libertando-se a si e aos seus companheiros de infortunio.

Sofreu a decisiva influencia de S. Francisco de Salles e do cardeal Berulle, que o inspiraram a realizar em Paris uma admirável obra em favor dos pobres. Luiz XIII o nomeou intendente das

galeras e esmoler real. Viveu então, e de uma feita pessoalmente, para bater-se pela humanização das penas dos galés, o drama dos condenados e os convictos depararam um apóstolo, que abriu as portas á moderna ciencia penitenciaria, aspecto, aliás, um pouco descurado de sua biografia.

Assim, passou largo tempo em Marselha para, ao tornar a Paris, ainda com as marcas das grilhetas, dar impulso decisivo ao apostolado ativo das religiosas, fundando a Congregação das Filhas da Caridade e, com a colaboração de Santá Luiza de Marillac, as Damas de Caridade. Com a sua Congregação, a Congregação das Missões (lazaristas), promoveu o apostolado rural e entre os doentes, orfãos e encarcerados e deu grande impulso á formação do clero, através dos seminarios, um século antes institucionalizados pelo Concilio de Trento.

Na "Mesa das Consciencias", uma especie de Ministerio dos Cultos, a que o convocara Ana D'Austria, enfrentou as astucias de Mazzarino, como antes de Richelieu, e trouxe benefica influencia á alta politica européia, talada pelas guerras religiosas e pelo nascente imperialismo das grandes potencias. Incumbido de aplicar o Edito de Nantes, revelou, no trato com os protestantes, testemunhos de caridade e de visão politica, que hoje se diriam ecumenicos. Da mesma forma procedeu com os jansenistas. Voltaire dele escreveu que, se vivo fosse, se teriam evitado os horrores da "Noite de S. Bartolomeu".

Finalmente, na guerra que devastou a Lorena, atingiu o grau heroico da maior das virtudes, no socorro aos feridos e ás populações flageladas. Mereceu então o nome de "Pai de seu País". Seu exemplo inspirou a Antonio Frederico Ozanam a fundação, no século passado, das Conferencias de S. Vicente de Paulo, obra de apostolado leigo que marca, em toda a parte, a sua presença em meio ás angustias e incertezas dos nossos tempos, como um signo de paz e amor cristãos.

H. D.

SAO VICENTE DE PAULO

Em Pouy, na França, nasceu em abril de 1581, São Vicente de Paulo, mais tarde cognominado o "Pai dos Pobres".

Muito cedo revelou a sua piedade e espírito caridoso, privando-se de quanto podia para ajudar aos pobres.

Seus pais o enviaram para Argos, a fim de ser educado pelos franciscanos, all se preparando para ingressar na Universidade de Tolosa.

Cursou teologia e em 1600 ingressou no sacerdócio, aprofundando-se no estudo das verdades cristãs.

Viajando para Marselha, a fim de receber o legado de um amigo, foi preso pelos piratas e levado para a África.

Em Tunís foi vendido como escravo, conseguindo converter seu senhor, com ele fugindo para a França.

Nomeado depois pároco de Clichy, tornou-se o idolo dos paro-

quianos. Assumiu mais tarde o cargo de capelão das galeras dos condenados.

Conheceu entre os galés um jovem fidalgo, acobrinhado por ter deixado esposa e filhos na iminência da miséria. Tomou o seu lugar, obtendo assim a sua liberdade.

Sabedor do fato, o conde de Gondí, seu amigo, conseguiu resgatá-lo.

Quando Marselha e outras cidades foram invadidas pela fome, foi São Vicente de Paulo quem as salvou, com as esmolas que conseguiu.

Criou os padres da Missão e faleceu a 27 de setembro de 1660. Foi canonizado por Clemente XII, em 1737.

"No Paraiso veremos a verdade reconhecida, a justiça repellido, o amor amado."

RENE BAGUIN

São Vicente de Paulo

A 24 de abril de 1576 nasceu na França o chamado pai dos pobres, o protetor dos orfãos e enfermos, depois canonizado como São Vicente de Paulo.

Muito jovem ainda revelou sua vocação religiosa e espírito caridoso, privando-se de tudo para melhor atender as necessidades.

A fim de encaminhá-lo, seus pais o mandaram para Acques, aos cuidados dos franciscanos.

Após os estudos básicos ingressou na Universidade de Tolosa; onde estudou Teologia e se bacharelou.

Ordenou-se em 1600, recebendo depois um legado em Alby, deixado por um amigo.

Pretendia regressar a Tolosa, quando seu navio foi assaltado por piratas africanos, sendo levado para Tunís, como escravo.

Revendido a um médico, este pretendeu convertê-lo ao islamismo mas o Santo recusou a proposta, conseguindo, depois, fugir, indo ter a Marselha e dall ao Avinhão.

Seguiu mais tarde para Paris, onde concluiu os estudos,

ingressando na congregação do Oratório.

Feito capelão das galeras da França, desempenhou várias missões, aproximando-se depois de S. Francisco de Sales.

Luis XIII o designou capelão-mor das galeras reais em Marselha, iniciando então sua grande obra missionária.

Em Paris instalou a Casa dos Bons Filhos, all realizando obra notável, aprovada pelo Papa Urbano VIII, em 1632.

Os cônegos de São Vitor lhe ofereceram o priorado de S. Lázaro, all fundando uma Congregação, donde lhes veio o nome de Lazaristas.

Faleceu S. Vicente de Paulo a 27 de setembro de 1660, sendo sepultado na Igreja de S. Lourenço, em Paris.

"O Deus! Como é belo ver os pobres, se os considerarmos em Deus e na estima que Jesus Cristo lhes dispensa."

S. VICENTE DE PAULO

O SANTO DA SEMANA

MONS. LAZARO MUTSCHELE

São Vicente de Paulo, nasceu de pais sem fortuna, numa provincia do sul da França e foi desde cedo encarregado de guardar os rebanhos.

Nesta humilde ocupação, Deus o escolheu para ser o instrumento de seus grandes desgnios.

Chegado ao sacerdócio, uma sucessão de acontecimentos determinados pela Providência, o conduziram a Capital, onde após ter dirigido duas paróquias, com uma reputação sempre crescente de talento e virtude, viu-se colocado quase sem o saber, a frente de tódas as boas obras de seu tempo.

Ele procurou e encontrou um remédio, ou ao menos uma consolação, para todos os sofrimentos da humanidade.

Crianças, velhos, doentes, prisioneiros, condenados, alienados foram objetos de sua generosa compaixão.

A França está coberta dos monumentos de sua caridade e de seu zelo.

A vida dos santos é quase sempre semeada de provações que parecem incompreensíveis, mas das quais surgem grandes bens.

Fez ele próprio experiência da sorte dos condenados, foi testemunha do mais terrível espetáculo que se pode imaginar!

All, como Campeão da Galeras, começou sua missão, falando de Deus, consolando e suavizando as penas daqueles pobres desgraçados.

Pensou em fundar uma obra de missionários, para consolação, salvação da alma dos condenados e para evangelizar tódas as provincias da França!

Para este fim puzeram a sua disposição a Casa de S. Lázaro; foi all que reuniu sob o nome de lazaristas, virtuosos eclesiasticos, que se formaram sob sua direção e fundaram uma Congregação.

Com esses novos missionários, ele se pôs a pregar, a catequizar o povo. Conseguu reorganizar seminarios para a formação dos futuros sacerdotes e até os nossos dias os Padres Lazaristas entre os seus fins — têm o de dirigir seminarios!

Seu zelo, pelos pobres não conheceu limites; para eles fundou a Congregação das Irmãs de Caridade ou Filhas da Caridade, que se consagraram ao serviço dos doentes, aos cuidados dos pobres recém-nascidos, que as mães abandonavam pelas ruas, dos orfãos, dos inválidos.

As grandes damas de Paris sentiam-se felizes e honradas em auxiliar estas obras de alívio aos pobres!

Luíza de Marillac — foi uma destas nobres senhoras, de devotamento infatigável, que reuniu em torno de si companheiras corajosas para esta fundação de S. Vicente de Paulo.

Querido e amado por todos, o nosso santo foi um Anjo do Céu a derramar benefícios sobre a pobre humanidade.

Morreu em Paris com 85 anos, todos passados em glorificar a Deus e em fazer o bem ao próximo!

São Vicente de Paulo — Apóstolo da Caridade — roza por nós.

SANTOS DE HOJE

Arsênio, Martinho, Simeco, Félix, Rufina, Aurea, Justa, Macrina.

SANTOS DE HOJE: 11.1

S. Vicente de Paulo. Nasceu em França no ano de 1579. Em sua infância foi pastor e estudou com grandes esforços, por falta de recursos. Depois fez-se padre e então toda a sua vida dedicou-se a obras de caridade das mais meritórias. Fundou a instituição de irmãs de caridade, os primeiros asilos de enjeitados e vários hospitais Santos Maorina, Rufina e Justa. Stos. João de Rocha e Arsenio.

S VICENTE DE PAULO — CONFESSOR

Vicente de Paulo nasceu a 21 de abril de 1581, na pequena aldeia francesa de Pouy, departamento de Landes. Seu pai chamava-se João de Paulo, segundo Abelly, Guilherme de Paulo, segundo Collet. A mãe chamava-se Bertranha de Moraes. Eram ambos humildes camponeses e Vicente foi batizado, no mesmo dia de seu nascimento na igreja paroquial de Pouy.

Ordenado sacerdote em 1600 Vicente abriu uma escola em Buret, procurando a seguir, obter um benefício eclesiástico, ao que não foi feliz. Embarcando em seguida para regressar a Narbona, foi aprisionado por piratas que levaram a Tunís, de onde fugiu, regressando posteriormente à França. Dez anos mais tarde em 1610 em Paris, exerceu as funções de capelão da rainha Margot primeira esposa de Henrique IV. Vicente foi nomeado pároco de Clichy em 1611; em 1613, entrou como preceptor para a família dos Gondí e conseguiu vários benefícios vantajosos. Em 1617 desistiu de repente de todos esses benefícios e o seu comportamento é dal em diante de um santo. Preocupava-o sobretudo a miséria em que pobres camponeses viviam e fez que os religiosos da nova congregação que fundara, Lazaristas ou pes, da missão emitissem o voto especial de se congregarem a evangelização. Depois de sua vida de bem fazer, morreu em 1660 na casa do S Lázaro de Paris.

Não havia naquele tempo a comunhão de primeira comunhão solene Cabe ainda a S. Vicente, a glória de tê-la introduzido na França e disseminado por toda a parte.

Leão XIII declarou S. Vicente de Paulo, patrono especial das obras de caridade.

SANTO DO DIA

São Vicente de Paulo, Sacerdote e Confessor, Fundador da Congregação dos Sacerdotes da Missão e das Filhas da Caridade, celeste Padroeiro de todas as Associações de caridade. Vo qual afirmou-se no Senhor aos 27 de Setembro.

Em Colossos, na Frígia, o nascimento de S. Epafras, a quem o Apóstolo S. Paulo chama seu companheiro nas cadeias. Ordenado pelo mesmo Apóstolo Bispo de Colossos, all mesmo combateu virilmente em defesa de oréllhas que lhe foram confiadas, e insigne em virtudes, recebeu a coroa do martírio. Seu corpo está sepultado em Hieron, na Basilica de Sta. Maria Maior.

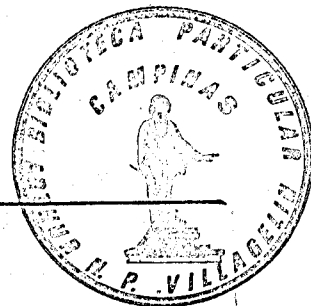
Em Tréviris são Martinho, Bispo e Martir.

Em Sevilha, na Espanha, o martírio das Stas. Virgens Justa e Rufina, as quais presas pelo Presidente Diogeniano, e extendidas sobre o couleto, escarnificadas e cobertas com unhas de ferro; lançadas em seguida no cárcere, fizeram-lhes sofrer fome e torções os membros de vários modos. Enfim Justa expiroo na prisão e a Rufina, pela confissão do Senhor, quebraram a cabeça.





RACHEL DE QUEIROZ



O SANTO VICENTE

TREZENTOS anos atrás, em 27 de setembro de 1660, morria em Paris um ancião. Camponês de nascimento, pastor na sua infância, prisioneiro de piratas e cativo de um alquimista árabe nos seus vinte anos, padre, postulante em Roma, confidente de S. Francisco de Sales e Santa Joana de Chantal, discípulo do Cardeal de Bérulle, preceptor daquele que foi depois o demoníaco e aventureiro Cardeal de Retz, esmoler da Rainha Margot, confessor "in extremis" de Luiz XIII, diretor espiritual de Ana d'Áustria (diz-se que foi ele o celebrante do falado casamento secreto da Rainha com Mazarino), esmoler-geral das galeras do Rei, intermediário de paz nas lutas da Fronde, fundador das congregações dos Lazaristas e das Irmãs de Caridade — chamou-se em vida Vincent-de-Paul. E o nosso São Vicente de Paulo. Mas, nos altares onde subiu, não é representado junto a reis nem rainhas — mas como um padre velho que abriga sob a capa duas crianças desvalidas. Pois o que fez um santo do camponês de-Paul, não foi a convivência dos grandes — foi a sua heróica virtude da caridade.

Naquela França terrivelmente convulsionada pela ambição dos príncipes e pelas guerras de religião, o jovem Vicente de Paulo achou o seu campo de batalha. Grandes eram a miséria, o sofrimento, a ignorância do povo. Essa ignorância, especialmente em matéria de fé, foi o que primeiro impressionou o Padre de-Paul. Era ele então preceptor na casa nobre de Gondl, quando iniciou uma espécie nova de missões — que se poderiam chamar de missões suburbanas. Nada de embarcar para terras de Ásia e África — bastava andar uma légua e encontraria gentes tão distantes de Deus quanto os pagãos amarelos ou negros. Ensino de catecismo, prédicas singelas — e dessas pequenas missões nasceu a grande congregação missionária dos Lazaristas, que se espalharam mais tarde pelo mundo todo.

Depois o cura de-Paul voltou os seus olhos para os problemas de mendicância e para os enfermos desamparados. Inventou então as sociedades das Senhoras de Caridade — damas da sociedade, fidalgas e burguesas (entre elas contou Maria de Gonzaga que depois foi Rainha da Polónia), que deveriam pessoalmente ir levar recursos e assistência aos necessitados. Quase todas as grandes damas do tempo formaram ao seu lado; mas apesar de tão altas protetoras, cujos recursos materiais e políticos garantiam a extensão e sobrevivência da obra, o santo verificou que a caridade das duquesas e princesas padece de um vício básico: o próprio fato de continuarem as Senhoras de Caridade a serem grandes damas. Chocou-o profundamente saber, por exemplo, que as ilustres congregadas, nas suas visitas aos pobres, não se baixavam a levar pessoalmente as esmolas de virtualidades e roupas; mandavam em seu lugar as criadas. E S. Vicente não queria uma caridade por procuração, mas caridade direta, de mão para mão, uma caridade corpo-a-corpo, se o ousar dizer. A ferida que se lava e se cura, a cama suja que se troca, a fome a que se acode cozinhando na própria cabana do pobrezinho a sopa e o mingau. Foi dessa necessidade que nasceu a grande revolução vicentina. Um novo tipo de comunidade religio-

sa, cuja direção foi entregue à famosa "Mlle. Le Gras" ou seja, a nossa Luiza de Marillac. Até então a vocação religiosa feminina só conhecia um caminho: a contemplação e o claustro. S. Vicente descobriu uma fórmula inédita: nada de freiras emparedadas em conventos, cuidando apenas da sua alma. As suas seriam militantes, praticando a caridade com as próprias mãos. "... que elas não tenham ordinariamente por mosteiro senão as casas dos doentes; por cela, um quarto de aluguel; por capela, a igreja da paróquia; por claustro, as ruas da cidade e as salas dos hospitais; por clausura, a obediência; por grades, o temor de Deus; por véu, a santa modestia." É essa a regra básica das Irmãs de Caridade, ou filhas de S. Vicente. Donzelas de virtude intocada, criadas na abundância, fidalgas, burguesas e filhas do povo — em toda parte seriam recrutadas. S. Vicente lhes acenava com uma vocação diferente, que na época quase chegou a causar escândalo. Não as vestia de freiras, e o traje que ainda hoje usam as Irmãs de Caridade, é a roupa comum às mulheres do povo naquele tempo: — por sobre o camisolão de linho branco, saia e casaco de lã grosseira, um grande avental; à cabeça a touca engomada, como abrigo e como recato.

Há, na santidade de Vicente de Paulo um elemento que o aproxima especialmente de nós, no nosso século tumultuoso. É a sua condição de ativista, de homem atuante, de operário de Deus, que enfrenta o mal pegando-o pelos cabelos, em vez de apenas o exorcizar. Com a sua energia de camponês, o seu bom senso popular, fez da caridade uma tarefa do corpo, além de uma exaltação da alma. S. Vicente é um santo que a gente entende, e, como o entende, ama-o melhor que aos outros, os que sobem às altas esferas da doutrina e do misticismo. S. Vicente, contemporâneo de Richelieu e de Luiz XIV, soube ensinar a um mundo ofuscado por esses dois que foram o alfa e o ômega do Grande Século, que além da grandeza política, além do orgulho nacional, além do poder e da pompa do Rei, existe uma glória maior, mais duradoura: a glória humilde de servir, de enxugar lágrimas e sarar dores.

Trezentos anos se passaram. De Richelieu e Luiz, o Sol, que resta? Pedras mortas, páginas de livros. Mas a obra de Vicente de Paulo está aí, viva, palpitante, eterna, maior ainda que em vida do santo, multiplicada muitas vezes. Não há lugar perdido no Mundo, na Europa, na Ásia, na África, na América ou na Oceania, que não apareça nos mapas da caridade como parte de uma província Vicentina. Hospitais, orfanatos, escolas, asilos — qualquer forma de caridade elas revestem.

E já temos como certo, quando começarem as viagens interplanetárias, assim que se criarem as primeiras colônias terrestres em Marte, na Lua, na Alfa do Centauro —, onde quer que se fixe o homem pelos céus além, logo há de aparecer por lá uma corneta branca de Irmã de Caridade, a fundar um hospital para aborígenes siderais, a alimentar e assistir orfanatos e desvalidos do planeta novo...